


# ESTUDIOS SOCIOTERRITORIALES

Revista de Geografía

ISSN 1853-4392 [en línea]

 revistaest@fch.unicen.edu.ar

 (0249) 4385771 Int. 5107

Centro de Investigaciones Geográficas (CIG)  
Instituto de Geografía, Historia y Ciencias Sociales (IGEHCS)  
Facultad de Ciencias Humanas (FCH)  
UNCPBA/CONICET

USO DE CRACK, ADOLESCENTES E MASCULINIDADES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA  
LEITURA A PARTIR DA CIDADE DE PONTA GROSSA, ESTADO DO PARANÁ, BRASIL

CRACK USE, ADOLESCENTS AND MASCULINITIES IN CONTEMPORARY BRAZIL: A READING FROM THE CITY OF  
PONTA GROSSA, PARANÁ STATE, BRAZIL

*Heder Leandro ROCHA*

Nº 22 julio-diciembre 2017, p.13-25

Disponible en: <http://revistaest.wix.com/revistaestcig>



Estudios Socioterritoriales. Revista de Geografía disponible en <http://revistaest.wix.com/revistaestcig>  
se distribuye bajo una **Licencia Creative Commons Atribución-No Comercial-Compartir Igual 4.0 Internacional**

# Uso de crack, adolescentes e masculinidades no Brasil contemporâneo: uma leitura a partir da cidade de Ponta Grossa, estado do Paraná, Brasil

*Crack use, adolescents and masculinities in contemporary Brazil: a reading from the city of Ponta Grossa, Paraná state, Brazil*

---

Heder Leandro Rocha\*

Recibido: 16 de diciembre 2016  
Aprobado: 7 de julio 2017

## Resumo

O objetivo do presente artigo é compreender como se institui a vivência cotidiana de adolescentes do sexo masculino usuários de crack nas espacialidades da Vila e da Casa, na periferia de Ponta Grossa-Paraná. Foram realizadas entrevistas em profundidade, gravadas em áudio e transcritas de forma literal preservando a identidade dos adolescentes. As falas foram organizadas em categorias discursivas e sistematizadas por frequência e contexto espacial das frases. A pesquisa foi possível graças a abertura, parceria e disponibilidade da Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, na cidade de Ponta Grossa, Paraná. O artigo é dividido em duas seções: a primeira apresenta as vivências cotidianas do grupo em duas espacialidades, a Vila e a Casa. Já a segunda parte explora os agenciamentos e as relações de poder que configuram as práticas espaciais dos adolescentes e o próprio uso de crack.

*Palabras clave:*

Crack  
Masculinidades  
Adolescentes  
Geografia

## Abstract

The objective of this article is to understand how the daily experience of crack cocaine users in the village and house spaces in the outskirts of Ponta Grossa - Paraná is established. In-depth interviews were conducted, recorded in audio and transcribed in a literal way preserving the identity of adolescents. The speeches were organized into discursive categories and systematized by frequency and spatial context of sentences. The research was made possible by the opening, partnership and availability of the Therapeutic Community Marcos Fernandes Pinheiro, in the city of Ponta Grossa, Paraná. The article is divided into two sections: the first presents the daily experiences of the group in two spatialities, the Village and the House. The second part explores the assemblages and power relations that configure the space practices of adolescents and the use of crack.

*Key words:*

Crack  
Masculinities  
Adolescents  
Geography

---

\* Magister en Geografía. Doctorando en Geografía en la Universidad Nacional de La Plata (Becario de CAPES/Brasil). Integrante del Centro de Investigaciones Geográficas CIG/IGEHCS UNCPBA/CONICET. Paraje Arroyo Seco s/n (7000) Tandil, Buenos Aires, Argentina, [emaildoheder@gmail.com](mailto:emaildoheder@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Esse artigo nasce do seguinte questionamento: como se institui a vivência espacial dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack nas espacialidades da vila e da casa? Toda a pesquisa só foi possível a partir da realização de seis entrevistas de profundidade com adolescentes em tratamento pelo uso de crack. As entrevistas foram realizadas na Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, na cidade de Ponta Grossa-Paraná, e seguiram um roteiro estruturado onde todo o processo foi gravado em áudio preservando a identidade dos adolescentes, que criaram nomes fictícios.

Após seis meses de aproximação com o grupo dos adolescentes, foram realizadas as entrevistas abertas durante os meses de maio, junho e julho de 2012. No universo de 77 adolescentes atendidos pela instituição, foram entrevistados oito adolescentes, sendo que destes, duas entrevistas não foram utilizadas. As seis entrevistas realizadas alcançaram a saturação das evocações nos relatos, assim como recomenda Sá (1996), logo em seguida elas foram transcritas de forma literal. As perguntas foram indutoras de respostas impregnadas de simbolismo e classificadas tanto por frequência de evocação, como por sentido que a palavra tomou no contexto da fala do entrevistado, conforme a proposta de Bardin (1977).

Para facilitar o processo de sistematização e obter um maior controle sobre as categorias discursivas, foi criado um banco de dados no programa de gerenciamento de dados, o Base da Apache Open Office. Tal sistematização totalizou um volume de 397 evocações (ou palavras força) e permitiu construir um mapa de significados discursivos dando sentido às formas de relação que esses meninos desenvolvem com o crack. Ainda sobre as entrevistas, uma informação importante é que para a realização das entrevistas foi necessário uma solicitação formal à Juíza da Vara da Infância e Juventude de Ponta Grossa-Paraná, figura que detém a tutela das crianças e dos adolescentes em tratamento.

Somente após a liberação por parte da Juíza é que as entrevistas foram realizadas.

Ao lembrar de estórias do cotidiano os adolescentes criam uma representação sobre a própria realidade, em uma expressão da relação entre sujeito e mundo. Através dos símbolos evocados as coisas podem ser (re)significadas infinitamente e ainda continuar com referenciais-espaciais, pois o reconhecimento criativo leva a relação com o outro e com o mundo. O que garante a natureza criativa da atividade simbólica é a referência de mundo, é a ancoragem com o espaço, pois podem ser reformuladas infinitamente.

As evocações foram organizadas a partir do espaço onde as falas estavam associadas, isso quando havia uma ligação direta ou indireta a determinado espaço/espacialidade e que foram captadas na sistematização. Do total de evocações encontradas nas entrevistas as principais associações foram “Vila” (30,6%) e Casa (18,9%), Comunidade Terapêutica (14,7%), Corpo (11,7%), Rua (9,4%), Cidade (6%), Escola (3,8%), Espaços Privados (1,9%), Espaços Públicos (1,5%), Tráfego de Drogas (1,5%) e Igreja (0,4%).

O artigo segue estruturado em duas partes, na primeira são trabalhadas as evocações relacionadas aos espaços da vila e da casa. Já a segunda parte explora os arranjos existentes entre as relações de poder e as evocações relacionadas à masculinidade.

### AS ESPACIALIDADES VIVENCIADAS PELOS ADOLESCENTES USUÁRIOS DE CRACK NA PERIFERIA DE PONTA GROSSA, PARANÁ

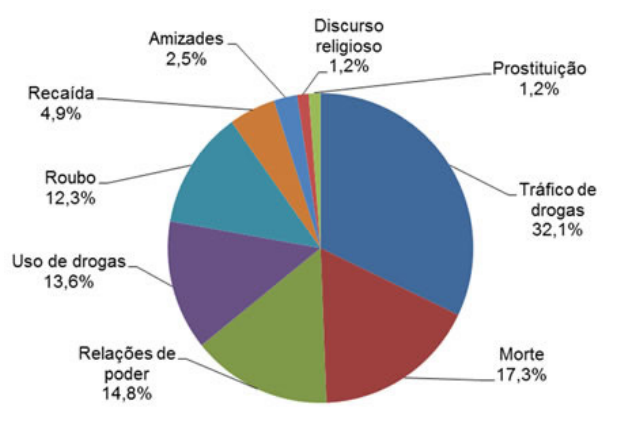
#### *A VILA E A RUA*

A ‘vila’ na perspectiva desse trabalho não é um recorte espacial específico, está mais relacionado com a forma simbólica e identitária do bairro. É exatamente onde a ‘vida cotidiana’ acontece se compartilhamos as ideias de Mayol (1996). Por esse motivo é impossível falar de ‘vila’ sem incorporar a categoria espacial ‘rua’, pois a espacialidade da rua está inserida na ‘vila’ como um nível inferior, uma vez que a ‘vila’ é composta materialmente por um conjunto de

ruas e habitações dispostas em uma organização 'x'. Logo, vila e rua são trabalhadas de forma relacionada no texto.

As estratégias utilizadas por um grupo de pessoas que reside em um determinado bairro moldam a ideia de 'vila', porque as pessoas estão inevitavelmente ligadas, seja pela proximidade ou repetição, mas principalmente pela coexistência em uma mesma espacialidade. A configuração da 'vila' nas categorias discursivas elaboradas a partir das falas dos sujeitos dessa pesquisa foi essa (Figura 1).

Figura 1. Evocações relacionadas a 'vila'



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor com base em entrevistas realizadas em 2012 com adolescentes em tratamento por consumo abusivo de crack em comunidade terapêutica na cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Para o grupo de adolescentes entrevistados a espacialidade da 'vila' é onde se estabelece uma trama de relações bastante complexa que contempla desde as atividades relacionadas ao 'tráfico de drogas' (32,1%) até a 'prostituição' (1,2%). Contudo a força do tráfico de drogas fica evidente quando vemos que a 'morte' é presenciada com 17,3% das evocações e os 'roubos' com 12,3%.

Nas periferias urbanas brasileiras onde o tráfico de drogas está estabelecido, sair de casa pode não ser uma tarefa simples e ocorrer sem constrangimentos, fazendo impossível a reabilitação ao consumo problemático de drogas. Essa questão fica evidente nas falas paradigmáticas que seguem abaixo.

Eu saí com sete meses e voltei pra mesma amizade, a má influência né? Voltei pra mesma amiza-

de e na primeira visita que eu saí daqui, já fui e fiquei de boa. Meio constrangido né e olhando aquilo lá, porque os 'caras'<sup>[1]</sup> passam na frente assim e daí no mesmo dia que eu fui o 'cara' veio me cumprimentar com droga na mão, me mostrou e tal; Daí eu voltei pra cá, voltei né, tive que voltar; Voltei, só que tipo, eu não estava pensando, maquinando assim, mas lá no fundo né cara eu estava com saudade daquela vida, ambiente, cotidiano assim; Daí eu fugi e depois de uma semana da minha visita eu fugi e comecei a andar com os 'caras' de novo e tal; Daí era pra estudar e fui um dia só pra escola, a noite e os outros dias eu comecei a 'gazejar'<sup>[2]</sup> e tal. (Entrevista realizada com Cavernoso, em 06 de maio de 2012).

Ali tem mais 'boca'<sup>[3]</sup> de 'pedra'<sup>[4]</sup> do que bar na vila; E outras áreas da cidade que você sabe que tem? E tudo quanto é vila tem, não tem uma vila que não tenha 'pedra' desse bagulho pra vender. (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012).

Um dos elementos importantes na espacialidade da 'vila' está relacionado com as relações de poder (14,8%), pois em seus grupos de amizades os adolescentes precisam se afirmar e muita vez é a partir de sua masculinidade que isso ocorre. Eles transitam entre a posição de *margem* e de *centro* nas relações espaciais de poder, por exemplo, o adolescente ocupa a margem por ser menor (ou mesmo por usar crack), mas como essa posição não é fixa, tão logo consiga dinheiro para comprar a droga ele retorna ao centro. As falas em seguida são características e revelam a plurilocalização nas relações de poder.

Quando eu arranjava dinheiro os 'caras' queriam vender pra nós na hora, ainda mais quando aparecia com uns 'corre'<sup>[5]</sup> de 'cinquentão'<sup>[6]</sup> sabe, 'cinquentão', 'cenzão'<sup>[7]</sup>; Aparecia lá e os 'caras' já 'engordavam'<sup>[8]</sup> nós; É esse 'piazinho'<sup>[9]</sup> é 'co-

[1] Homens.

[2] Matar aula.

[3] Local que vende drogas.

[4] Crack.

[5] Roubo, furto.

[6] Cinquenta reais.

[7] Cem reais.

[8] Elogiar.

[9] 'Piá' é uma palavra regional que significa menino.

rria<sup>[10]</sup>, ‘piazinho’ é ‘correria’, era bem assim que era... (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012).

Visto como um bandido, um marginal, olha o desandado; Depende né cara, tem duas fazes. Uns dias eu só andava nos ‘panos’<sup>[11]</sup> sabe, tinha dinheiro quando vendia, mas depois não tinha mais dinheiro. Eu andava com os ‘caras’ com a mesma roupa às vezes, ficava dois ou três dias sem tomar banho assim, dependente né cara, ‘nóia’<sup>[12]</sup> né cara, pra falar a verdade, eu era ‘nóia’, graças a deus eu saio daqui em três meses; [...] quando o cara fuma assim ele vira ‘bundão’<sup>[13]</sup> assim sabe, um cara com uma ‘pedra’ assim o cara vai ficar louco, o cara não fica loco, fica tipo ‘espiado’ assim, com medo assim sabe, com medo de qualquer coisa assim, daí o cara... pode ser um ‘piá’ de bosta assim cara, que vende pedra, vai ‘acelerar’<sup>[14]</sup> um cara maiorzão e o cara não vai conseguir fazer nada, não vai fazer nada, não adianta, pode ser um cara com dois metros assim, o cara que está fumando ‘pedra’ e está na ‘pira’<sup>[15]</sup>, o ‘piazinho’ diz que vai cobrar e os ‘caras’ tem medo do ‘piazinho’, tem medo. (Entrevista realizada com MVBill em 28 de junho de 2012).

Nessas falas é possível compreender o carácter de transitoriedade e mobilidade das relações de margem-periferia em diferentes configurações espaciais. Estes movimentos são chamados por Rose (1993) de *plurilocalização e multidimensionalidade*, que neste caso é assumido relativizado na lógica do tráfico de drogas pela categoria idade. Outra característica é a significação dos sujeitos entrevistados em relação às representações sociais construídas pelos outros sobre eles, que os localizam em uma posição marginal.

### A CASA

Muitas vezes a casa é um sinônimo de ambiente acolhedor, relacionado à segurança e ao conforto ou ainda ao espaço familiar por ex-

[10] Confiável.

[11] Roupas novas.

[12] Viciado.

[13] Covarde.

[14] Exigir o pagamento.

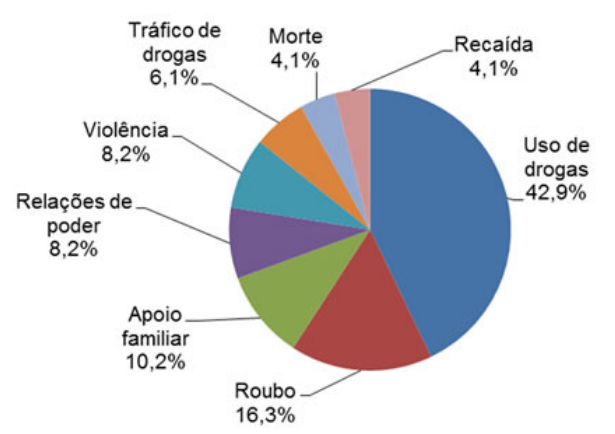
[15] No efeito da droga.

celência; aonde a vida pode se estabelecer de forma saudável, estável. Nas palavras de Bachelard (1974) seria “o nosso primeiro universo”, onde “vivem os seres protetores”, a casa

... na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (Bachelard, 1974, p. 201).

Os sujeitos dessa pesquisa significam a casa e as lembranças relacionadas a esse espaço de uma maneira bastante distinta, como é possível visualizar na Figura 2. As evocações relacionadas ao espaço da casa estão em sua maioria relacionadas ao ‘uso de drogas’ (42,9%) e a ‘violência’ (8,2%). Sendo que o ‘tráfico de drogas’ (6,1%), a prática de ‘roubos’ (16,3%) e em 4,1 % das evocações a própria ‘recaída ao uso de drogas’ está associada a casa.

Figura 2. Evocações relacionadas a casa



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor com base em entrevistas realizadas em 2012 com adolescentes em tratamento por consumo abusivo de crack em comunidade terapêutica na cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Mas também, é na casa que muitos adolescentes encontram apoio —10,2% das evocações— para a recuperação. Para Foucault (1988, p. 111), “a família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela”, mas as escalas espaciais da vida dos sujeitos se cruzam, se interpenetram umas nas outras. Se tivermos roubo em outras escalas vamos ter em casa (16,3%), se o tráfico de drogas está presente em todo país, como em todo mundo, logo estará presente em casa (6,1%), mesmo que de maneira periférica. A fala abaixo exemplifica essa situação:

Eu sou o mais novo e nós somos em três irmãos homens, eu e mais dois e uma irmã que é a mais velha; Dos quatro assim, os três homem usavam droga. [...] Bom daí meu pai assim, nossa ele bebia dentro de casa, toda noite assim; *Teu pai?* Não, o meu padrasto eles bebiam... É que agora assim, meio que chamo de pai assim... Ele bebia dentro de casa e eu tomava assim na colher, a gente cresceu assim... feio na foto. [...] Igual, dentro da minha casa mesmo, esse meu irmão que é de boa, esse que não usava comigo, esse de vinte e um, ele falava assim pra mim: Olha o ‘nóia’ aí, olha o ‘nóinha’, vai roubar né? Falava assim pra mim, briguei várias vezes com ele porque eles me excluía, me julgavam e falavam: você não vale nada, você é um nada. (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de maio de 2012).

Ornat (2007), em seu estudo sobre a instituição do território de prostituição travesti na cidade de Ponta Grossa, Paraná, aponta que as representações relacionadas a casa são contrárias a ideia padrão de família (composta por pai, mãe e irmãos), o que ocorre também para os adolescentes usuários de crack. Para Zaluar (1993) é justamente onde os laços familiares ou locais são mais fortes que a pressão social incidente sobre o controle das emoções e uso aberto da violência diminui. Para a autora, isso ocorre porque existem menos sentimentos de culpa em relação ao uso de violência para resolver os conflitos.

É na casa dos sujeitos dessa pesquisa que surgem evocações como a presença da morte (4,1%) e uso de drogas (42,9%), relacionado a familiares usuários de crack. Na próxima seção,

outras escalas espaciais serão trabalhadas em meio a discussão sobre as relações de poder, que permeiam todos os espaços vivenciados pelos adolescentes sujeitos da pesquisa.

#### ADOLESCENTES USUÁRIOS DE CRACK: DO CENTRO A MARGEM NAS RELAÇÕES ESPACIAIS DE PODER

Cada espacialidade possui sua configuração local de poder, entre o que é mais ou menos importante, Foucault (1988) concebe o poder como um feixe de relações provindo de todas as partes, na relação entre um ponto e outro. Essas relações podem destruir grandes sistemas de dominação ou mantê-los, porque são dinâmicas e móveis, relacionais. Ao mesmo tempo em que se apoiam em pontos de resistência são alvo, porque o poder para este autor está em todas as partes,

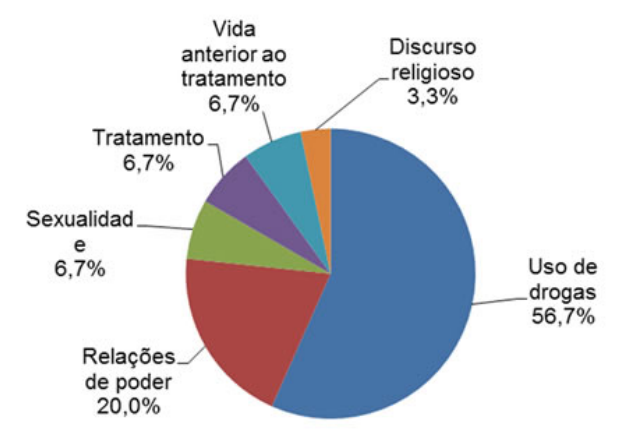
não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E ‘o’ poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. (Foucault, 1988, p. 103).

Na seção anterior foram apresentados os espaços da ‘vila’ e da ‘casa’, importantes escalas espaciais do cotidiano dos sujeitos. O corpo — que surge com 11,6% das evocações como visto anteriormente— como traz Foucault (2013) é o lugar de onde não podemos escapar porque estamos presos a ele, é uma jaula que estará exatamente onde estivermos. A partir dele, todas as outras escalas espaciais são vivenciadas, mas também é através das grades que nos prendem a essa jaula que falamos, somos vistos e podemos ver. Na Figura 3, podemos ver a que o corpo está associado para os adolescentes sujeitos dessa pesquisa.

Em 56,7% das evocações, o corpo está associado ao uso de drogas e ligado a fuga da norma e da regulação, ou melhor, de sua transgressão. Mas o uso de crack, por sua vez, leva a um comportamento específico bastante influenciado pelas relações de poder (20%). Isso ocorre porque ao usar crack, o adolescente passa a ocupar o centro das relações de poder,

já quando está a procura da droga se torna margem. A complexidade desses movimentos surge porque mesmo sendo centro durante o uso, perante a sociedade ele se torna margem, onde as representações sociais que incidem sobre o seu corpo de usuário de drogas são bastante negativas. O custo deste agenciamento pode ser caro, mas tensionando a norma com suas práticas os adolescentes do sexo masculino ao usar o crack a transgridem, o relato abaixo é pedagógico em relação a isso.

Figura 3. Evocações relacionadas ao corpo



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor com base em entrevistas realizadas em 2012 com adolescentes em tratamento por consumo abusivo de crack em comunidade terapêutica na cidade de Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Primeiro eu comeci na maconha e já passei para o cigarro, fumei um e já no outro dia de manhã já fumei um cigarro; fui né, meio viciado assim no 'beck'<sup>[16]</sup> né, tipo todo dia tinha que fumar um 'beck'; Daí tinha uma casa atrás da minha casa que moravam uns 10 homens! 10 cara homem, a mãe deles era presa e o pai abandonado e era 10 cara Homem que viviam lá! A casa dos caras ficava largada assim, tá ligado? E era um ponto de tráfico; Até hoje tem lá, mas os caras moram em outra casa perto dali, não tão mais lá; Mas a casa era bem largada assim, tipo o cara pegava droga e usava lá dentro mesmo entendeu? Tinha um quartinho lá no fundo, a casa era grande assim e usava lá dentro mesmo e nesse tempo eu usava só maconha, mas foi puxando; Daí chegou um dia que não tinha maconha, tinha o cara que tava usando lá no canto assim, daí nós: não tem

[16] Cigarro de maconha.

'beck' né cara, não tinha 'moeda'<sup>[17]</sup> pra compra, daí nós decidimos raspar essa lata aí e fumar um 'pitile'<sup>[18]</sup> né cara, daí deu um 'pitolão' bem grande assim; fumamos né cara! *Essa foi a primeira vez?* Foi a primeira vez que eu usei crack; Daí nossa né cara, fiquei meio assustado, me perdi tudo assim, ficou bem 'cabuloso'<sup>[19]</sup> mesmo. *E como é a sensação?* É bem sinistro cara, tipo a 'pira'<sup>[20]</sup> é você fazer, usar crack é você... Causa dependência e tudo depois, mas você se sente o cara por estar fazendo uma coisa que não pode entender; Entendeu qual que era a 'pira'? O crack, a droga não pode entender, daí a gente se sente muito louco né cara. Falam: o cara é muito louco, esse cara usa e tal. É sempre estar cada vez mais falando lá na 'quebrada'<sup>[21]</sup> entendeu, daí os caras... a gente usava por isso e tal; Se eu me preocupasse comigo mesmo nem usava, mas pra se achar eu usei né cara. (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de maio de 2012).

Nessa fala é possível compreender algumas das motivações inerentes ao consumo de crack e também visualizar um dos espaços utilizados para o uso. A casa onde residem os dez 'cara homem'<sup>[22]</sup> funciona como um 'mocó'<sup>[23]</sup>, que pode ser um espaço qualquer e não necessariamente uma casa. Já o espaço público está relacionado às praças, arroios e terrenos baldios e não estão diretamente relacionados com as 'ruas' ou mesmo aos 'mocós'.

A busca por ocupar a centralidade nas relações espaciais de poder pode motivar a entrada para o tráfico de drogas, mas o momento do uso é, talvez, um dos mais delicados e conflitantes. Isso por a sensação de liberdade e de centralidade ocorre de maneira simultânea com a posição de margem, o centro das relações de poder se cruzam frente ao sujeito, mas também em relação ao outro e entram em conflito num momento único. As quatro falas abaixo retratam isso:

Na hora que você começa a fumar assim sei lá, dava um... O coração acelerava; A hora que você

[17] Dinheiro.

[18] Cigarro feito com as sobras do crack fumado em lata.

[19] Assustador.

[20] Ideia, objetivo.

[21] Bairro em que vive.

[22] Homens adultos.

[23] Espaço utilizado para consumo de 'crack'.

assopra o teu olho, na hora assim, você já sente teu olho assim ‘espiadão’<sup>[24]</sup>; Não tem uma sensação assim; A sensação é de medo de alguém querer pegar você por trás e fazer alguma coisa assim pra você. (Entrevista realizada com Bola em 03 de junho de 2012).

Sei lá ‘cara’ foi tipo assim, que nem se fosse como se eu tivesse no paraíso, uma coisa boa, primeira vez, mágoa, angustia do meu pai assim, da ‘coisarada’<sup>[25]</sup>. A primeira ‘bola’<sup>[26]</sup> que eu dei nossa, eu senti uma emoção assim sabe: esse é o mundo que eu quero né cara, quero mais, quero mais e fui fumando, daí eu fui me arrebetando só que eu não conseguia olhar que aquilo lá estava me destruindo, que aquilo estava me levando para o mau caminho. Eu só queria mais e mais não estava nem vendo, roubava minha mãe, meu pai. O meu viver assim nossa cara, minha alta-estima foi abaixando cara, tinha vez assim que eu pensava só em morrer cara. (Entrevista realizada com Véio em 28 de junho de 2012).

A primeira vez eu não senti nada assim; Não senti nada daí depois que eu fui vendo qual que era assim; Sabe a ‘pira’ assim, o jeito que os caras ficavam, daí eu ficava junto com os ‘piação’, ‘cabrero’; Ou as vez não né, ficava de boa assim sentado; Daí eu ficava paralisado assim; *Muda muito?* Depende da ‘pedra’ também né, tem umas ‘pedras’ ruins, umas pedras boas; Ou depende da pessoa, junto da pessoa que você tá fumando assim né; Você vê a pessoa ‘espiada’ você fica ‘espiado’, mas se você vê que a pessoa fica quieta você também fica quieto; Daí depende assim da cabeça dos outros né, tipo depende da tua mente assim né, você pensa em fazer alguma coisa e você já... Alguma coisa que vem você já faz; Ou as vez você pensa: tem gente vindo, tem gente vindo; Daí você fica... (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de maio de 2012).

Um comportamento específico surge relacionado ao consumo de crack sendo frequente nas falas e que de maneira geral é chamado de ‘espiado’ pelos adolescentes. Tal comportamento se refere a um estado de atenção (à tudo) extremamente potencializada e parece estar organizado em aspectos físicos (corpo) e mentais (medo e sensação de perseguição). Essa divisão foi observada em uma investigação desenvolvida por

Oliveira e Nappo (2008) na cidade de São Paulo, onde o comportamento psíquico relacionado ao consumo de crack foi distribuído em efeitos positivos (comumente estão associados ao prazer) e negativos (alucinações, delírios, fissuras<sup>[27]</sup>, sensação de depressão, arrependimento, perseguição), resultando em um quadro de paranoia.

Assim, o comportamento relacionado ao consumo de crack gera *corporalidades* específicas e Oliveira e Nappo (2008) apontam alguns que ocorrem de forma repetitiva no sentido de alívio de ansiedade, tais como: abrir e fechar portas/janelas, apagar/ascender luzes, buscar restos de crack pelo chão, etc. O comportamento ‘espiado’ surge especificamente dessas sensações e está diretamente ligado ao medo e a sensação de perseguição como a fala em seguida deixa bastante claro.

Eu acho que ‘pedra’ e ‘pó’<sup>[28]</sup> é a mesma coisa, você ‘espia’ assim, eu ‘espiava’ não sei os outros, pra mim, se eu fumasse uma pedra com você eu podia ser teu amigo, andar todo dia com você, se eu fumasse uma pedra com você e você comesse a se mexer era porque você iria puxar uma faca ou um revólver pra me matar. Sempre quando eu ia fumar eu já estava com o revólver cara, toda hora. Eu fumava e dava uma ‘bola’ e já colocava a mão na cintura assim, ficava vendo o bagulho assim, você via as coisas que não tem nada a ver, que nem pegar e ir pro meio do mato assim, quando você reparava, o mato estava se mexendo, dava uma ‘bola’ e pensava que tinha alguém lá no mato, você via e corria pra traz das árvores. Daí naquela hora você já pensava: quem está aí? Maluco, quem está aí? E não tinha ninguém, ‘tá ligado’<sup>[29]</sup>? Nem falava nada. *Quanto tempo demorava isso?* A eu dava uma ‘bola’ e ficava quase meia hora e já fumava outra assim, por que eu me ‘espiava’, mas eu mandava umas ‘bolas’ gigantes assim, também, nossa ficava assim... Daí os caras falavam: olha não tem ninguém aqui, fique de boa, nada a ver, é só ‘cabreragem’, nada a ver, daí eu falava: cala a boca mano, mandava o cara calar a boca e ficava olhando assim. *Nunca dava nenhum engano, nenhuma confusão’ assim entre*

[24] Olhos bem abertos, com a pupila dilatada.

[25] Do passado vivido.

[26] Ato de fumar: ‘dar uma bola’.

[27] Incontrolável vontade de consumir.

[28] Cocaína.

[29] É uma pergunta retórica que procura consultar se o ouvinte entendeu a explicação de quem fala.



*amigos?* Altas vezes de puxar o revólver na ‘cara<sup>[30]</sup>’ do cara pensando que ele estava na maldade. O cara mexia e eu já perguntava o porquê estava se coçando. O ‘bagulho’<sup>[31]</sup> faz cara a gente ficar ‘espiado’. (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012).

Neste momento, o uso da violência pode se tornar necessário para a conquista ou afirmação da posição de centro nas relações de poder, tanto durante o uso ou mesmo no tráfico de drogas (mais especificamente no ato da cobrança de dívidas), onde essa prática é mais recorrente. A violência para os adolescentes usuários de crack está relacionada a espaços associados a conflitos como a Rua (66,6%), a Casa (16,7%) e Comunidade Terapêutica (16,7%). Quanto a este último, a violência é associada aos conflitos com os outros internos e também com os educadores. Já a violência relacionada a espaços, como Rua e Casa, pode parecer surpreendente, mas se alinha ao que discute Abramovay (2000), que considera a violência um fenômeno que atinge todas as esferas da vida, os espaços públicos e privados, sendo um fruto da vulnerabilidade social generalizada. Para a autora é especificamente essa vulnerabilidade que gera a violência e não o contrário. Vulnerabilidade é entendida nesse trabalho como a exposição a determinados fenômenos, nos espaços em que as vivem em graus maiores e menores, como a vulnerabilidade ao consumo de drogas em espacialidades tomadas pela presença do tráfico de drogas.

O tráfico de drogas está presente em diversos espaços do cotidiano dos adolescentes do sexo masculino em tratamento na comunidade terapêutica; a rede do tráfico de drogas se assume como uma espacialidade, os meninos se referem ao tráfico de drogas como um espaço. O 7,5% das evocações estão associadas a estrutura regional do tráfico de drogas (envolvendo cidades, estados e países), outros 7,5% ao espaço da casa, 20% a cidade e em 65% das evocações o tráfico de drogas estava associado à vila.

Chimin Junior (2009) evidencia que as peri-

[30] Neste caso, ‘cara’ significa face, rosto.

[31] O crack.

ferias pobres da cidade de Ponta Grossa concentram um grande número de adolescentes classificados como ‘em conflito com a lei’. Nessas áreas da cidade a presença do tráfico de drogas é intensa, porque muitas pessoas buscam no tráfico de drogas uma oportunidade de sustento econômico. Muitas vezes, os meninos encontram um lugar onde são valorizados, respeitados. No tráfico de drogas podem ocupar cargos, responsabilidades e se as tarefas forem realizadas com competência conquistam o respeito dos outros traficantes. Os trechos abaixo são paradigmáticos em relação ao poder que o tráfico de drogas exerce na vida dessas pessoas, enquanto uma oportunidade.

Os caras me olhavam assim: a esse cara não vale nada; O único lugar que eu era bem recebido era na ‘quina’<sup>[32]</sup> né, pelos caras que tratavam todo mundo igual lá. (Entrevista realizada com Cavernoso em 06 de Maio de 2012).

...quando eu comecei no trafico grande mesmo foi a partir de quatorze ou quinze e eu já estava quase entrando pro PCC<sup>[33]</sup>. Com quinze ano eu já era o ‘flanela’<sup>[34]</sup>, tinha que esperar o povo e eu cortava a droga, ia e buscava. Fui crescendo e os caras falavam: olha quando você estiver com uns dezoito o ‘Comando Vermelho’<sup>[35]</sup> já está pronto pra te aceitar, beleza e ali eu já fui crescendo, querendo ser mais, entrava no carro e saía atirando nos outros pra mostrar que eu era o tal. (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012).

Meu camarada e meu irmão foram presos, daí eles conheceram o outro lá na cadeia... Não fumavam e não queriam deixar fumar, eu eles não deixavam fumar, se pegasse fumando ‘pedra’, nossa mãe do céu. *Por causa da venda...* É por causa de vender com eles que nós conseguimos implantar forte. *Você ia muito pra outros bairros assim?* Um monte, todo dia, eu tinha moto e nem parava ali na vila, ia pra tudo quanto é parte. *E tinha algum lugar que você não podia entrar.* Não, ia pra tudo quanto é parte,

[32] Dentro do tráfico de drogas.

[33] Primeiro Comando da Capital (PCC) é uma das maiores organizações do tráfico de drogas no Brasil, tendo iniciado suas ações na cidade de São Paulo.

[34] Cargo ou uma função dentro do tráfico de drogas.

[35] Comando Vermelho é outra das maiores organizações do tráfico de drogas no Brasil, tendo iniciado suas ações da cidade do Rio de Janeiro.

saía em três, quatro tudo com as ‘bera’<sup>[36]</sup> lá. Depois que desceu a lei do Santa Maria, já não tinha mais essas ‘treta’<sup>[37]</sup> assim de vila. Desceu a lei lá de São Paulo, do PCC lá, daí não tinha mais ‘treta’, era tudo na paz. Só se foi ‘jaguára’, se o cara for ‘cagueta’ ou estuprador, esses bagulho aí sim, mas se for de boas o cara não podia mexer com você. *E agora como é que tá?* Agora está sossegado, tá a lei do PCC ainda, o cara não pode mais esses bagulho de qualquer coisinha querer se matar e incendiar o outro ou querer incendiar a caminhada do outro, falar que o cara é ‘jaguára’ e o cara não é, e daí todo mundo querer pegar o cara, não é mais assim agora, agora ta acomodado, agora é tudo na paz. *Até de acertar conta matando?* Esses bagulhos não tem mais, só se o cara for pilantra. *Você falou o PCC e como é que chega esses caras aí?* Vêm de cadeia, os caras ‘bate os fio’<sup>[38]</sup> da cadeia, de uma cadeia vêm descendo pra outra, vêm de Curitiba pra cá porque de Curitiba já vêm de outra. *É forte essa rede de comunicação dos caras?* A é forte né cara. *O que acontece se não obedecer?* Os caras te ‘batizam’<sup>[39]</sup> né cara e se te batizar você não pode sair mais, pode sair só se for pra virar pastor, só pra ir pra igreja pode sair. *Se não, não sai?* É, se querer sair pra querer mudar de vida, os caras te matam. *E daí no teu caso?* A no meu caso eu tava fumando um monte né, daí até os caras entenderam que tem que parar de fumar ‘pedra’, só que eu nem quero sair vender mais, estou sossegado. (Entrevista realizada com Bola em 03 de junho de 2012).

A partir do exposto por ‘Palhaço’ é possível recuperar alguns elementos que estruturam o tráfico de drogas no Brasil, como por exemplo, a proteção feita pelos traficantes para que os adolescentes não consumam a droga que vendem ou a rede de comunicação desenvolvida entre lideranças do tráfico regional de drogas a partir de penitenciárias. ‘Palhaço’ mostra como ocorre a comunicação entre as penitenciárias, fazendo com que as informações cheguem até as cidades, bairros e vilas. Ao referir-se a outro homem como ‘cara jaguára’ alguns elementos de masculinidade são acionados, pois ser considerado ‘um cara jaguára’ ou ‘cagueta’

[36] Cerveja.

[37] Brigas.

[38] Telefonar.

[39] Ritual de iniciação ao tráfico de drogas.

é sinônimo de ‘não ser homem’, ser desleal e pouco honesto, uma vez que a masculinidade neste caso surge associada com a honra. Assim resta ao ‘cara jaguára’ ser ‘acelerado’<sup>[40]</sup> e neste ponto o uso da violência deverá ser usado de maneira exemplar/punitiva para mostrar que determinado tipo de prática não é tolerada. Entretanto, com a chegada e imposição da “lei do Primeiro Comando da Capital (PCC)” na cidade de Ponta Grossa, o uso da violência e práticas que outrora foram comuns como ‘matar’ ou ‘incinerar’ pessoas que são ‘jaguáras’, agora deixam de ser realizadas.

A morte e a violência para os adolescentes usuários de crack são relativizadas. O uso da violência pode ser considerado como prática de morte, ou de tirar a vida. Nessa pesquisa a morte é entendida de duas formas, na primeira enquanto presença (corpo morto) e na segunda enquanto prática (homicídio doloso). As evocações relacionadas à morte estão associadas a quatro espacialidades distintas: Vila (66,6%), Rua (14,3%), Casa (9,5%) e Cidade (9,5%). As falas abaixo evidenciam isso.

Conheço alguém que morreu esses dias mesmo, um camarada meu que os ‘piás’ mataram com um tiro na cara e não sei quantos nas costas. *Por quê?* Não sei as ‘tretas’<sup>[41]</sup> deles com os caras do ‘Mezomo’<sup>[42]</sup>, daí ele pegou e ele conheceu o Vandinho e esse Vandinho é um ‘jaguará’. Ele começou a bater em um cara forte também, o Gardenal, são os ‘caras’ fortes. Esse vandinho apareceu lá na vila, daí o Rique falou que esse cara é um jaguará, falou pros caras que ele era um jaguará e ligou pra uns caras. Os caras: qual é a da ‘cena’<sup>[43]</sup>? Ele começou a explicar qual era a da ‘cena’. Pra mim quem anda com jaguará, jaguará é. Daí o Rique ficou de boa né e foi lá pra casa da mãe dele no ‘Mezomo’. Um dia apareceram de moto lá pra matar ele, só que ele não falou nada e ficou na dele assim, um cara chamando ele de ‘jaguára’ e ele ficou na dele. Foi indo e um dia um ‘cara’ foi e matou ele, ele nem esperava mas pe-

[40] ‘Acelerar’ é uma prática utilizada no tráfico de drogas por aqueles sujeitos que atuam na cobrança de quem fica em dívida com o tráfico de drogas.

[41] Problemas, brigas.

[42] Uma vila da cidade de Ponta Grossa.

[43] Situação.

garam e mataram ele. (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012).

... o ‘cara’ tentou umas ideias erradas, falei: olha ‘cara’, o negocio é o seguinte e na hora que o cara menos esperou eu já ‘entortei’ três sapeco<sup>[44]</sup> nas costas dele e fui preso. Fiquei um tempo preso e saí, já fiz o 157<sup>[45]</sup>, matei um caminhoneiro com dois tiros na garganta; *Porque você matou?* Por que eu peguei o dinheiro e ele veio atrás chorando: ‘cara’ me dá não sei o quê, me devolva, eu tenho família... *Por causa de droga?* Só que nessa estava eu e mais um amigo e o cara deu outro tiro também, esses negocio assim é ‘foda’<sup>[46]</sup> de contar, mas as outras partes e têm mais, têm mais as outras coisas. Problema do passado sabe que eu prefiro guardar porque se for contar é muito ‘embaçado’<sup>[47]</sup>, sei lá, mas é isso minha história de vida é essa. (Entrevista realizada com Véio em 28 de Junho de 2012).

Os malucos mataram o Paulinho lá... os malucos alugaram outro ‘barraco’<sup>[48]</sup> lá no ‘Santa Mônica’<sup>[49]</sup>... os caras tinham alugado um ‘barraco’ lá e nele moravam eu, o Pepeu e o Robert, tudo lá no barraco assim sabe, eu só ficava de dia e dormia na casa da mãe, mas nós íamos de dia lá. Nós tínhamos um ‘trinta e oito’<sup>[50]</sup>, daí sumiu o ‘trinta e oito’, só que era um cara que estava morando com nós e que ficamos sabendo esses dias na rua. Os caras foram atrás do dele e acharam o cara meio caído no ‘mocó’ lá, o Paulinho. Aí os malucos já foram lá, só que o cara diz que tinha o ‘corpo fechado’<sup>[51]</sup>, esses bagulhos de ‘saravá’<sup>[52]</sup>, os cara ‘aceleraram’ ele e amarraram ele. Os caras ‘acelerando’ ele: foi você que roubou o revólver! Acelerando e ele amarrado assim com a mão pra trás. Eu não estava nem aí né cara,

[44] Neste caso ‘entortar três sapeco’ significa dar três tiros com arma de fogo.

[45] O número ‘157’ é uma referência ao Artigo 157 do Código Penal Brasileiro que se refere ao crime de: Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência.

[46] Difícil.

[47] Complicado.

[48] Uma casa precária.

[49] Bairro da cidade de Ponta Grossa.

[50] Revólver calibre 38.

[51] Refere-se a uma crença presente em religiões Afro-Brasileiras como o Candomblé e a Umbanda, de um corpo que estaria fechado para energias negativas.

[52] Saudação presente em religiões Afro-Brasileiras como o Candomblé e a Umbanda.

o revólver nem era meu e eu não vou comprar ‘cena’ que nem é minha... o Robert ‘acelerou’ ele assim e disse: maluco já era, você vai morrer! E ele começou a chorar cara, até me deu um dó assim na hora sabe, sei lá né, os caras estavam pensando que era ele mesmo. Daí o Robert pegou uma espingarda que tinha no forro e que um ‘noinha’<sup>[53]</sup> tinha vendido por ‘pedra’, engatilhado a espingarda no peito dele, bem do lado do coração dele e ‘negou’<sup>[54]</sup> o revólver assim sabe, fez ‘tchec’ e nem estourou nada. Daí o maluco disse: com esse revólver velho vocês não vão me matar. Ele dizia que tinha o corpo fechado pra essas coisas. O Robert tirou a bala de um cano da espingarda e pôs em outro, engatilhado e pôs na cara dele. Arrancou um pedaço da ‘cara’<sup>[55]</sup> e ele ficou assim de pé. Eu só fui tirei o chinelo dele e saí ‘vazado’<sup>[56]</sup>. Colocamos fogo na casa e saímos ‘vazados’. Altas ‘cenas’ assim cara, ‘embaçado’ mesmo comentar assim, porque daí de noite o bagulho fica louco... (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de Junho de 2012).

A violência surge relacionada a obtenção de respeito, cobrança de dívidas, lealdade e afirmação da masculinidade. Contudo, a violência não é uma prática exercida somente pelos meninos no tráfico de drogas, a polícia também a exerce. As estratégias de controle e repressão utilizadas pela polícia, cujo objetivo é encontrar o local ou a pessoa de quem os menores compraram a droga, fazem com que os policiais exerçam uma posição de centralidade nas relações de poder entre os meninos. O relato abaixo mostra isso:

Um dia quando a policia te pega, o maluco não aguenta, os ‘caras’<sup>[57]</sup> te arrebentam, dão choque até na tua língua, os caras molham você com água, porque daí o choque dói mais, para você contar. Ou às vezes, que pegam com uma ‘bucha’<sup>[58]</sup>, eles querem saber aonde tem mais, aonde consegui, de onde vem aquele ‘bagulho’, como foi parar com você, de quem você pegou. Os ‘caras’ te arrebentam, ainda mais se ele souber; ‘os caras’ vão na casa assim e já sabem quem que é. O

[53] Viciado em crack.

[54] Falhou o tiro.

[55] Neste caso significa rosto, face.

[56] Correndo.

[57] Os policiais.

[58] Uma pequena quantidade de droga armazenada em pacote plástico e utilizada para consumo próprio.

‘cara’ chega e já apontam de dedo na tua cara e falam: esse aqui pode amarrar, porque esse aqui vai dar uma volta de viatura com nós. E já era. Os ‘caras’ te põe no camburão e te levam no escuro e você nem sabe pra onde, já era cara. Te algemam, te jogam spray de pimenta na tua cara, pancada, choque, os caras são louco. (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012).

A honra para os adolescentes se estrutura a partir da lealdade em relação ao tráfico, logicamente, quem resiste às práticas exercidas pelos policiais é considerado ‘alguém de respeito’. Felfermann (2006) aponta que os moradores de áreas periféricas (onde a infra-estrutura e os serviços são precários) estão sob uma grande vulnerabilidade social e como consequência, estão mais suscetíveis a situações de privações de direitos e desrespeito. A autora alerta, que essas condições não podem ser tomadas como definidoras para que essas pessoas pratiquem crimes, mas podem facilitar a expansão de setores ilegais da sociedade, como o tráfico de drogas e a exploração sexual, por exemplo.

Oliveira e Nappo (2008) apontam que para a metade das mulheres entrevistadas naquela ocasião, a prática da prostituição foi utilizada em troca de crack. Uma das categorias encontradas pelos autores foi relacionada a prostituição compulsória, onde homens negociavam favores sexuais de suas esposas à traficantes (em troca de crack). A pesquisa ainda aponta a atividade sexual entre homens, mas como ressaltam Oliveira e Nappo (2008) a recompensa frequentemente era na forma de dinheiro, pois

não havia um valor fixo para o programa e tampouco pontos de prostituição. A prática de sexo oral foi a mais comum, tendo em vista que segundo os entrevistados, era a modalidade sexual que menos comprometeria sua sexualidade. (Oliveira e Nappo, 2008, p. 668).

Em 1999 o Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA) em importante relatório publicado sobre a exploração sexual infanto-juvenil no Brasil, já apontava que na região sul do Brasil a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes estava relacionada as redes de narcotrá-

fico. A fluidez da exploração sexual é bastante grande, aliás, o próprio fenômeno se estrutura a partir dessa fluidez e conforme apontado por Nabozny (2008), ainda se constitui um desafio para o conhecimento geográfico e importante campo de pesquisa para diversas áreas do saber.

Para os sujeitos dessa pesquisa as evocações relacionadas a sexualidade surgem de maneira periférica, principalmente em diferenciações de gênero. O gráfico apresentado no início da seção (referente ao corpo) aponta que 6,7% das evocações estão relacionadas à sexualidade; a prostituição surge em meio a essa categoria. De maneira geral, as evocações estão organizadas em dois eixos principais, no primeiro, a prática de roubo é associada aos adolescentes do sexo masculino e a prostituição ao sexo feminino, tal qual a pesquisa de Oliveira e Nappo (2008). Já o outro eixo, faz uma diferenciação por gênero no tratamento dado por policiais na rua. Algumas falas também indicam a presença de mulheres que comandam as ‘bocas’<sup>[59]</sup>. O que podemos visualizar abaixo.

...as meninas se prostituem pra fumar na BR<sup>[60]</sup>, lá na vila mesmo eu conhecia duas que fumavam, não, tinha três. Tinha muitas que fumavam junto comigo assim [...] E se pegar a menina com pedra, ela vai pra pancada também, só que é mais doce né, não arreentam, mas eles dão umas cacetadas assim, nessas partes assim, aqui no joelho. Eles não dão pancada na cara, tapa, mas eles dão nos ossos assim e que dói bem, puxam cabelo. (Entrevista realizada com Palhaço em 28 de junho de 2012).

A violência não é praticada somente pelos meninos no tráfico de drogas, mas também pela polícia e surge de forma fluída e relacionada a elementos identitários. É praticada para obtenção de respeito junto a outros grupos da cidade, na lealdade e na afirmação da masculinidade, como uma performance. A honra para os adolescentes se estrutura a partir da lealdade para com os seus pares e quem resiste às práticas de violência exercidas pelos policiais é considerado alguém de respeito. Nesse

[59] Locais de venda de crack e outras drogas.

[60] Rodovia federal.

cenário, a posição de vítima da violência policial coexiste com a posição de agente de práticas de violência em outras situações.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa só foi possível graças a uma parceria entre o GETE e Comunidade Terapêutica Marcos Fernandes Pinheiro, sendo que somente após seis meses de aproximação com o grupo é que as entrevistas foram realizadas. As entrevistas foram estruturadas em categorias discursivas, onde cada evocação ou fala foi organizada a partir do espaço onde estavam ancoradas. As principais referências espaciais foram: vila, casa, rua, cidade, tráfico de drogas, espaço escolar, espaços privados (mocós), Comunidade Terapêutica e Igreja.

A pesquisa evidencia que o crack faz parte do cotidiano dos adolescentes moradores de áreas periféricas na cidade de Ponta Grossa que estavam em tratamento, uma cena que se repete nas periferias de muitas cidades brasileiras. O uso de drogas por jovens tem sido associado ao aumento da criminalidade urbana, mas essa pesquisa aponta para outra situação: a violência não está associada diretamente ao uso de crack, mas sim como um agenciamento necessário na lógica do tráfico de drogas, em cobranças de dívidas ou relacionada a obtenção de dinheiro para a compra de drogas, não necessariamente em uma linearidade violência-uso-tráfico.

Algumas vezes ser homem é importante e em outras, ser um adolescente pode ser ruim, pois, devido a idade reduzida os adolescentes são colocados a margem no esquema do tráfico

de drogas. Porém, quando novos elementos surgem essa posição pode mudar e eles passam a ocupar o centro. Ser um homem de respeito é não entregar os amigos aos policiais ou a outros grupos rivais, isso está relacionado à honra. Já um homem 'jaguára' é associado a um estupra-dor, aquele em que não se pode confiar e que deve ser evitado e morto. A ideia de masculinidade é entendida aqui como um elemento importante que compõe a vivência dos adolescentes em suas relações com o espaço e a partir do espaço é relativizada. A entrada para o tráfico de drogas pode surgir como uma busca por respeito nos bairros onde residem e em outras vezes está relacionado a perda de respeito.

As representações dos adolescentes em tratamento podem ser inovadoras e subversivas ao próprio tratamento e pensar o espaço geográfico a partir delas é construir uma ideia alternativa de espaço, aquela que dá inteligibilidade ao fenômeno do uso de crack pelos adolescentes do sexo masculino. O conceito de espaço 'espiado' foi desenvolvido no sentido de apontar que as vivências espaciais dos usuários de crack são exercidas em um estado de alerta e de fuga. O espaço 'espiado' é uma multiplicidade de fenômenos que coexistem em temporalidades distintas, a partir de determinadas práticas onde o seu ponto culminante é o uso de crack. Este instante carrega consigo a vontade de se obter prazer, a transgressão da normalidade, o ganho de respeito perante os grupos de pertencimento, ao mesmo tempo em que, o medo de ser avistado em flagrante, a dependência e as práticas infracionais necessárias para obtenção de dinheiro pode aflorar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, M. (2000). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas* (192 p.). Brasília: UNESCO.
- BACHELARD, G. (1974). *The poetics of Space*. New York: Orion Press.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- CHIMIN JUNIOR, A.B. (2009). *O espaço como componente da vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes em conflito com a lei em Ponta Grossa-PR*. Mestrado em Gestão do Território. Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa, PR.
- FEFFERMANN, M. (2006). *Vidas arriscadas: O cotidiano dos jovens trabalhadores no tráfico*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- FOUCAULT, M. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo, SP: Edições Graal.
- FOUCAULT, M. (2013). *O corpo utópico: as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições.
- MAYOL, P. (1996). O Bairro. En M. de Certeau, L. Giard y P. Mayol *A invenção do cotidiano: 2. Morar, Cozinhar* (372 p.). Petrópolis: Vozes.
- NABOZNY, A. (2008). *A complexidade espacial da exploração sexual comercial infanto-juvenil feminina: entre táticas e estratégias de (in) visibilidade*. (Mestrado em Gestão do Território). Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa-PR.
- OLIVEIRA, L. G. DE Y NAPPO, S. A. (2008). Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado. *Rev. de Saúde Pública*, pp. 664-671.
- ORNAT, M.J. (2007). *Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa-Paraná*. Mestrado em Gestão do Território. Programa de Pós-graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa-PR.
- ROSE, G. (1993). *Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge* (205 p.). Cambridge: Polity Press.
- SÁ, C. P. DE. (1996). *Sobre o núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- ZALUAR, A. (1993). Teleguiados e chefes: juventude e crime. En I. Rizzini (Org.) *A criança no Brasil hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula.

*Heder Leandro Rocha* es Becario de CAPES/Brasil. Doctorando en Geografía en la Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Geógrafo y Magister en Geografía por la Universidade Estadual de Ponta Grossa. Integrante de los siguientes grupos de investigación: Grupo de Estudos Territoriais (GETE/UEPG, Brasil), Centro de Investigaciones Geográficas (CIG/IGEHCS UNCPBA/CONICET, Argentina) y Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas (GUPE, Brasil). Sus temas de investigación son: Espeleología, Representaciones Sociales, Geografía Feminista, Geografía y Género, Masculinidades, Juventudes, Violencia y la relación del consumo de drogas y el tratamiento.